



## Resenha

### ARTETERAPIA E PSICANÁLISE

Ana Carolina Zuanazzi Fernandes<sup>7</sup>

Publicação: SEI, Maíra Bonafé. **Arteterapia e psicanálise**. São Paulo: Zagodoni, 2011.

O livro “Arteterapia e Psicanálise” foi escrito a partir de reflexões e experiências da psicóloga, pesquisadora e arteterapeuta Dra. Maíra Bonafé Sei. A proposta trazida pela autora é apresentar algumas teorias que embasam a prática arteterapêutica de orientação psicanalítica, além de expor suas ideias e reflexões no que diz respeito à temática. Disposto em 9 capítulos, o livro percorre o histórico da arteterapia, suas interfaces com a psicanálise winnicottiana, suas técnicas, até a apresentação das possibilidades de atuação em diferentes *settings*. Os últimos capítulos são dedicados à exposição de experiências práticas como arteterapeuta de orientação psicanalítica em contextos variados.

O primeiro capítulo, intitulado “Arteterapia: Conceituação e contextualização”, é iniciado com um histórico sobre a origem da arte e conceituação da arteterapia. O processo artístico possibilitaria a comunicação não-verbal de conteúdos ainda não simbolizados verbalmente, flexibilizando a terapia e favorecendo a captação de *insights*. Existem três elementos básicos no *setting* arteterapêutico: o cliente/paciente, o produto/processo expressivo e o arteterapeuta. Cada um desses elementos tem sua importância para que a prática arteterapêutica seja possível. A partir da conceituação da

---

<sup>7</sup> Bacharel em Psicologia pela Universidade Estadual de Londrina, Mestranda em Psicologia Clínica pela Universidade de São Paulo e Especializanda em Neuropsicologia pelo Centro de Diagnóstico Neuropsicológico. email: [anacarolina.zf@gmail.com](mailto:anacarolina.zf@gmail.com).

arteterapia, a autora expõem diferentes visões teóricas referentes ao tema. Alguns autores, principalmente os norte-americanos, entendem que existira a artepsicoterapia e também a arte como terapia. A autora expõem algumas diferenças e semelhanças dessas duas vertentes e apresenta alguns autores que defendem que essa divisão estabelecida não seria tão necessária na prática de trabalho, sendo possível uma maior flexibilização e interação das técnicas. No Reino Unido também são usadas diferentes nomenclaturas segundo o enfoque de trabalho. Nesse sentido, existiram trabalhos cujo foco seria na teoria psicanalítica, na interpretação dos conteúdos verbalizados sobre o material produzido e trabalhos focados na produção em si. O texto é finalizado com alguns requisitos necessários para formação como arteterapeuta e algumas possibilidades de atuação profissional.

O capítulo seguinte apresenta os “Percurso e histórico da Arteterapia”. Segundo a autora, apesar das artes serem utilizadas como instrumento terapêutico há muito tempo, apenas recentemente foram estruturadas estratégias terapêuticas que envolvessem recursos artístico-expressivos. A partir da década de 1920, iniciou-se a inserção da teoria psicanalítica no entendimento da expressão artística de pacientes psiquiátricos. Psiquiatras de várias partes do mundo, inclusive do Brasil, passaram a adotar uma visão psicanalítica na compreensão dos conteúdos trazidos através da produção artística. Dentre os brasileiros que tiveram destaque, pode-se citar Nise da Silveira, Osorio Cesar e Ulysses Pernambuco. Esses autores acreditavam que a produção trazia sempre um conteúdo latente e manifesto, além de favorecer a livre expressão de seus sintomas, dando-lhes contornos e possibilitando que estes sejam minimizados ou despotencializados. Apesar de alguns autores terem iniciado seus trabalhos desde o início do século XX, apenas na década de 60 é que houve um aumento crescente de interessados em conhecer e se especializar na área de arteterapia. Esse movimento foi

tomando força e, atualmente, existem cursos de especialização ministrados por profissionais do Brasil, além da União Brasileira de Associações de Arteterapia composta até a data do livro por 11 associações regionais.

O terceiro capítulo discute a intersecção entre a Arteterapia e a Psicanálise sob o viés teórico de Winnicott. Existem duas formas de atuação na prática arteterapêutica. Uma com propostas mais estruturadas que teriam uma ligação mais forte com a realidade. A segunda proposta seria livre, possibilitando que o indivíduo se guie pelos impulsos psíquicos. Essa segunda forma está mais relacionada à exploração e expressão de conteúdos intrapsíquicos, estando, portanto, mais ligada à atuação arteterapêutica de orientação psicanalítica. A expressão artística tem diferentes significados, a partir da concepção teórica de diferentes autores. Assim, enquanto Freud associava os impulsos criativos aos mecanismos de sublimação, Melaine Klein os relacionava aos mecanismos de reparação e Winnicott à própria saúde. Winnicott, ao longo de sua obra, fez diversas referências às atividades artísticas, ao artista e à criatividade. A autora apresenta sucintamente a teoria de Winnicott e faz relações com os conceitos da arteterapia, mostrando o quanto há em comum entre ambos.

O próximo capítulo, nomeado “Ética profissional em Arteterapia” traz importantes considerações sobre aspectos contidos no código de ética dos arteterapeutas, formulado pela União Brasileira das Associações de Arteterapia (UBAAT). São feitas ponderações especiais no que tange a temática da conduta do arteterapeuta frente à pesquisa científica e suas intervenções, sejam elas com clientes, estudantes ou supervisionandos. Por fim, a autora traz alguns autores que tratam da temática ética na arteterapia com referencial psicanalítico.

No capítulo “Arteterapia: técnicas e materiais” a autora apresenta alguns materiais, possíveis de serem utilizados na prática arteterapêutica, juntamente com suas definições,

indicações e significados atribuíveis. Em seguida, algumas técnicas arteterapêuticas são elencadas, ao lado de suas características próprias, bem como com as sensações despertadas ou eliciadoras. É ressaltado que, embora muitas vezes o custo financeiro dos materiais possa ser elevado, há possibilidades alternativas, como o uso de materiais recicláveis, sucata etc. Cada técnica e material pode e deve ser adaptado ao contexto (hospitalar, comunitário, escolar) e à população destinada (crianças, adolescentes, adultos, idosos). Deve-se sempre estar ciente de que o foco do trabalho arteterapêutico não é o valor estético da obra final, e sim o processo de desenvolvimento do trabalho e a possibilidade de comunicação através desse recurso. Por fim, é apresentada a proposta da caixa artística, desenvolvida pela autora, cujo principal objetivo é reunir materiais artístico-expressivos e armazená-los de forma a auxiliar e funcionar como uma alternativa aos profissionais da arteterapia que desejarem tal recurso.

No capítulo “O desenho infantil: Considerações gerais e etapas do desenvolvimento” a autora aponta do desenho como uma possibilidade de fala e comunicação também na criança, uma vez que a arte tem grande importância para o desenvolvimento humano. Algumas teorias sobre a compreensão do desenho infantil são apresentadas. A primeira delas, a partir do ponto de vista de Luquet. Para esse autor, o desenho da criança tem um caráter realístico, ou seja, tem o caráter de representar algo. O desenho vai se desenvolvendo ao longo do tempo, passando por fases onde “imperfeições” vão sendo corrigidas. Outra teoria, representada por Lowenfed e Brittain, também apresenta fases do desenvolvimento gráfico do desenho da criança. Os autores separam algumas fases, tomando como base a idade da criança, suas capacidades motoras e intelectuais. Assim, os desenhos passariam de garatujas até desenhos mais elaborados e carregados de significações. Em ambas as teorias, é sempre ressaltada a importância do desenvolvimento natural e espontâneo da criança, sendo que a

intervenção do outro não deve ser no sentido de apressá-la, e sim de acolher sua produção.

“Possibilidades no *Setting* arteterapêutico” é o título do sétimo capítulo que apresenta propostas de estruturação do encontro arteterapêutico a partir de alguns referenciais teóricos. O arteterapeuta pode usar diversos recursos como disparadores que favoreceriam o contexto arteterapêutico e o acesso a determinados conteúdos. A partir disso, a autora tece considerações acerca de alguns desses recursos como o uso de histórias, apresentando alguns títulos interessantes para serem usados na prática arteterapêutica, a técnica “arte de desenrolar” e a “arte postal”.

O oitavo capítulo trata sobre a “Arteterapia em diferentes contextos”. A autora apresenta algumas experiências no contexto de atendimento arteterapêutico a famílias em situação de violência familiar. Primeiramente algumas considerações a cerca do conceito de violência familiar e suas implicações são apresentadas. Em seguida, teorias que fundamentam a prática arteterapêutica no contexto de atendimento a famílias são expostas, seguida do histórico de atendimento psicoterápico de orientação psicanalítica. São apresentadas as peculiaridades e vantagens do atendimento arteterapêutico familiar, além de uma proposta de atividades a serem desenvolvidas nesse contexto, juntamente ao o que é possível observar a partir dessas atividades. Ao final do capítulo, a autora apresenta algumas produções realizadas em atendimentos arteterapêuticos com viés psicanalítico a famílias que passaram por alguma situação de violência familiar. Essas ilustrações são apresentadas como exemplos de possibilidades de entendimento do material produzido, da via de expressão e tudo o mais que foi tratado até o momento.

O último capítulo “Arteterapia em centros de convivência: recortes do cotidiano” se inicia com o histórico da criação dos centros de convivência e seus objetivos de interação social e reabilitação dos usuários dos serviços de saúde mental. Trata-se de um espaço



dinâmico e heterogêneo que possibilita o desenvolvimento de diversas atividades, sendo a arteterapia uma delas. Duas das atividades arteterapêuticas desenvolvidas nesse centro são apresentadas como ilustração da abrangência do trabalho arteterapêutico.

O livro desenvolve ao longo de seus capítulos a trajetória da Arteterapia com viés psicanalítico ao longo das décadas e apresenta diversas ideias práticas de atuação do profissional da Arteterapia. Recomenda-se o livro aos profissionais, estudantes e pesquisadores de diversas áreas e demais interessados em ampliar seus conhecimentos teóricos e práticos a respeito da temática.

Data de recebimento: 23 de abril de 2014.

Data de aceite: 23 de abril de 2014.